

O LUGAR DE ALTHUSSER NA GEOGRAFIA DE MILTON SANTOS: UMA POSIÇÃO TEÓRICA ANTI-HUMANISTA

Rodolfo de Souza Lima

Doutor em Geografia pela Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente. Email para contato: rodolfodeslima@gmail.com

Há um certo consenso na grande maioria dos estudiosos da obra de Milton Santos¹, sobretudo durante a década de 70 em seu exílio na França, da presença teórica, do filósofo marxista Louis Althusser. O que não nos parece consensual é a análise e o balanço que tal influência teve na obra de Santos.

O fato é que Milton Santos é um autor em disputa. Se de um lado parece haver entre aqueles que ao reivindicar na obra miltoniana, um viés marxista ou crítico, o fazem através de uma crítica da influência “estruturalista” de Althusser², reivindicando um Milton Santos humanista teórico. Do outro lado, aqueles que preferiam o último Milton Santos, mais focado no debate dos sistemas de objetos e sistemas de ações, das técnicas e da fenomenologia, praticamente deixavam de lado os conceitos de formação socioespacial, modos de produção, classes sociais e lutas de classes. O interessante de se notar é que independente do recorte que se pretendia fazer, a contribuição althusseriana era rejeitada como uma espécie de herança maldita.

Todavia, como nos lembra Pedrosa³, assim como no conjunto da geografia brasileira, e em Milton Santos em particular, não houve uma crítica sistemática ao conceito de estrutura e ao chamado estruturalismo althusseriano, com vistas a demonstrar teoricamente sua inviabilidade, mas após uma série de críticas pontuais, frases soltas, jargões e preferências teóricas e políticas, o conceito de estrutura aos poucos foi sendo deixado de lado e o mesmo ocorreu com Althusser tanto no conjunto da geografia brasileira, como nas reivindicações de Milton Santos⁴.

Falta leituras olhem para essa herança através do ponto de vista dos malditos, dos althusserianos. Em recente trabalho, Costa⁵ buscou empreender um esforço semelhante ao nosso. O autor procurou evidenciar que a teoria miltoniana do espaço não é incompatível com o edifício althusseriano de análise. Em consonância com Costa, neste artigo buscamos sistematizar e levar a sério a contribuição althusseriana na obra de Milton Santos, confrontando-os, apontando os limites dos diálogos entre os dois autores, as diferenças e possíveis agendas de pesquisa que poderiam ser aprofundadas caso Santos tivesse seguido nesta toada. Quais os efeitos da obra de Althusser em Santos? Qual a eficácia desses efeitos na problemática miltoniana? Como olhar a obra de Santos pela problemática althusseriana? Quais seriam os limites e os efeitos teóricos?

1 Thiago Adriano Machado, “Da formação social em Marx à formação socioespacial em Milton Santos: uma categoria geográfica para interpretar o Brasil?”, *Geographia*, a.18, n.38, 2016, pp. 71-98; María Laura Silveira, “Geografía y formación socioespacial: por um debate substantivo. Estudios socioterritoriales”. *Revista de Geografia*, n.16, v.2, jul-dic 2014, pp. 141-168

2 Pietro Calderini Aruto, “A formação socioespacial dependente a partir da superexploração da força de trabalho: uma abordagem metodológica”, 134 f. 2015. Dissertação (mestrado em economia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, São Paulo, 2015.

3 Brenno Viotto Pedrosa, “Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura”, 2013. 361f. Tese (doutorado em geografia humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

4 Vale lembrar que a geografia é uma esquecida nos balanços da recepção de Althusser na América Latina, até o momento não encontramos nenhum trabalho nesse sentido.

5 B. M. R. A, Costa, “inserção do espaço geográfico de Milton Santos na matriz althusseriana de interpretação da totalidade social: uma estrutura como as outras?”, *Geosp*, v. 27, n. 3, set./dez. 2023.

Alertamos, não pretendemos reproduzir as críticas já feitas ao autor franco-argelino, nem tampouco refuta-las sistematicamente, pois isto seria objeto de outro trabalho. Vale dizer, que há todo um novo interesse na obra de Althusser e seus discípulos em diferentes áreas do conhecimento, como a filosofia, ciência política, linguagem, direito, relações internacionais, no Brasil em diferentes países do mundo⁶. Infelizmente, até o momento este movimento não é acompanhado pela geografia. Falta-nos, inclusive, entender melhor a recepção da obra althusseriana e de seus discípulos no campo da geografia latino-americana.

LOUIS ALTHUSSER E MILTON SANTOS: DA RENOVAÇÃO DO MARXISMO À RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA

O geógrafo baiano, Milton Santos já tinha uma obra relevante no Brasil e ocupava um lugar de prestígio na universidade brasileira na década de 50 e início dos 60. Santos nutria uma preocupação com o desenvolvimento regional não só do ponto de vista teórico, mas também do ponto de vista prático, pois estava envolvido na formulação de políticas de desenvolvimento e com setores progressistas da sociedade. Com o golpe militar de 1964, Santos foi rapidamente visado pela repressão que passou a persegui-lo, obrigando-o ao exílio.

O exílio de Milton Santos e as circunstâncias que o levaram, como muito bem analisado por Pedrosa⁷, impactaram profundamente sua obra. Foi um momento, que antes de retornar ao Brasil, o geógrafo não se fixou em nenhum país específico, mas em sua passagem pela França, Tanzânia, EUA, dentre outros, ampliou contatos, conheceu diferentes autores e referências. Sua intervenção teórica no debate da geografia foi de importância decisiva, pois estava em questão a função social da geografia, sua responsabilidade, da necessidade de se entender as desigualdades, os conflitos de classe e a exploração. Santos fez parte de uma geração de geógrafos, tais como David Harvey, Yves Lacoste, Manuel Castells, que entendiam que para atender a estas questões, era necessária uma renovação teórica que se colocasse a ciência geográfica a partir de uma nova problemática.

A obra de Santos mais importante deste período e que sintetiza seu pensamento está em *Por uma Nova Geografia*⁸ publicado em 1978. Neste texto, dentre outras coisas, Santos apresenta uma abordagem fortemente baseada no materialismo histórico e no materialismo dialético; ele define o objeto de conhecimento específico da geografia como sendo o espaço geográfico, deste modo fez uma contribuição essencial para o desenvolvimento científico da geografia; realiza um

6 Marcelo Rodríguez Arriagada; Marcelo Starcenbaum, *Lecturas de Althusser em América Latina*, Santiago de Chile: Doble Ciencia; Em Memoria Académica. 2017. Disponível em: <https://memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.795/pm.795.pdf>. Carolina Collazo; Natalia Romé (org.), *Asedio del tiempo: estudios políticos althusserianos*, Buenos Aires: Universidade Buenos Aires; Instituto de Investigaciones Gino Germani; CLACSO, 2020. PINHEIRO, Jair Pinheiro (org.), *Ler Althusser*, Marília: Oficina universitária, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

7 Brenno Viotto Pedrosa, "O périplo do exílio de Milton Santos e a formação de sua rede de cooperação". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.2, abr.-jun. 2018, pp. 429-448.

8 Milton Santos, *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Nova*, São Paulo: EDUSP, 6ª ed., 2012.

esforço de conceber o espaço como uma instância da sociedade com autonomia relativa, ou seja, o espaço não seria apenas um palco ou uma base onde os fenômenos econômicos, políticos e ideológicos se davam, mas uma estrutura ou instância social que era determinada e determinava outras instâncias sociais; e retoma a discussão sobre o conceito de formação socioespacial em um diálogo direto com os marxistas que trabalhavam com o conceito de formação econômico-social.

Em nossa análise, esses três aspectos ressaltados de *Por uma Nova Geografia* sofreram em alguma medida a influência da escola althusseriana. Nesse período, autores dessa escola são citados como referências, tais como Charles Bettelheim, Marta Harnecker, Nicos Poulantzas além do próprio Althusser. Embora ainda não se tenha comprovações de que houveram trocas de correspondências entre o geógrafo e o filósofo, é sabido que dentre os grupos que Santos frequentava, havia o de geógrafos e sociólogos maoístas com influência de Althusser, tais como Yves Lacoste e Manuel Castells. Contudo, é importante ressaltar que Santos foi autor que recepcionou diferentes correntes do marxismo, assim como de outras correntes do pensamento, como a fenomenologia. De tal maneira que em sua estadia na França, Santos se aprofundou em autores Jean Paul Sartre e Henri Lefebvre.

Mas sem dúvidas Althusser foi um dos e talvez o mais influente teórico marxista França durante as décadas de 60 e 70. Em meio a uma conjuntura de revolução cultural na China, intensificação do conflito sino-soviético, guerras e lutas anticoloniais e anti-imperialistas, e das lutas do maio de 68 em seu país, Louis Althusser e seu grupo composto inicialmente por autores como Étienne Balibar, Roger Establet, Jacques Rancière e Pierre Macherey, propuseram uma nova maneira de ler a obra de Karl Marx, fundando o que ficou conhecido como a escola do marxismo estrutural ou corrente althusseriana.

Sob forte influência teórica de Lenin e Mao Zedong, destaca-se, nesse período, as obras *Por Marx*⁹, que reúne diversos artigos e intervenções de Louis Althusser e a obra coletiva chamada *Ler O capital*¹⁰. Em linhas muito gerais, a proposta althusseriana consiste em:

1) que há um corte epistemológico na obra de Marx e Engels, localizada principalmente na *A ideologia Alemã* de 1845, onde os autores vão abandonando uma problemática humanista, que se fundamentava nos conceitos de homem, ser genérico e alienação, emancipação, em direção a uma problemática nova, de caráter científico. A partir de então, Marx e Engels estavam mais interessados nos conceitos de modo de produção, revolução, luta de classes, ditadura do proletariado, etc. De tal sorte que para Althusser, Marx teria descoberto um novo “continente” científico, cujo objeto seria a História.

2) o conceito de modo de produção nas obras de Marx deve ser entendido como uma totalidade-complexa-estruturada, ou seja, ele não é sinônimo da estrutura econômica, ou infraestrutura, mas compreende também a estrutura jurídico-política e a ideológica. O estudo dos diferentes modos de produção, portanto, passaria por

9 Louis Althusser, *Por Marx*, São Paulo: Unicamp, 2015.

10 Louis Althusser; Jacques Rancière; Pierre Macherey, *LER O CAPITAL*, Rio de Janeiro: Zahar, v.1, 1979. Louis Althusser; Étienne Balibar, Roger Establet, *LER O CAPITAL*, Rio de Janeiro: Zahar, v.2, 1980.

entender como essas diferentes estruturas, que possuem autonomia relativa uma das outras, se articulam, com dominância, defasagem, de uma sobre as outras, em uma totalidade complexa e ao mesmo tempo estruturada.

3) as estruturas são sobredeterminadas, quer dizer, há uma pluralidade de contradições em que as diferentes instâncias se determinam, o econômico é determinado pelo ideológico e jurídico-político, o jurídico-político pelo econômico e ideológico e assim por diante, em que é possível identificar a dominância, as defasagens, o deslocamento e concentração de contradições. A partir do conceito de causalidade estrutural, ou causalidade metonímica, Althusser busca explicar que a estrutura, enquanto a causa das práticas, só existe através dos seus efeitos. Essa leitura possibilitou uma crítica ao economicismo que coloca a determinação econômica em primeira instância, quer dizer sempre como principal, porém a leitura althusseriana acredita que a determinação econômica ocorre, porém, em última instância, de forma a permitir a percepção de qual instância assumi o papel dominante.

Interpelado pelos debates contemporâneos, Santos passou a estabelecer um diálogo crítico com o marxismo em geral e a corrente althusseriana em particular, na perspectiva de que elas poderiam contribuir para a necessária renovação crítica da geografia, seja na definição de seu objeto, de sua especificidade enquanto instância social e na formulação de análises específicas sobre a formação socioespacial, do papel do Estado, das classes sociais, do mercado, das técnicas, dentre outros. Nas palavras do autor “ [...] a geografia, tantas vezes a serviço da dominação, tem de ser urgentemente reformulada para ser o que sempre quis ser: uma ciência do homem”¹¹.

O ESPAÇO COMO ESTRUTURA SOCIAL E AUTONOMIA RELATIVA

Em sua obra *Por uma nova geografia* (2012), após debater em alguns capítulos buscando contribuições e limites de afirmações que definiam o espaço ora como um reflexo, fato social, um fator, dentre outras definições – que são bastante complexas e que não teremos como desenvolver-la neste trabalho -, Santos finalmente irá defender, sobretudo no capítulo 13, intitulado “O espaço como instância social”, que o espaço geográfico é uma estrutura social.

A primeira afirmação de Santos neste capítulo é a negligência dos teóricos que fazem o debate das instâncias sociais e das estruturas sobre o papel do espaço. Santos cita Parsons e Smelser, Plekhanov, Franz Jakubowsky, Althusser, Charles Bettelheim, P.L. Crosta, G. La Grassa, Marta Harnecker, A. Córdova e Enersto Cohen. Na sequência, amplia a abordagem de D. Harvey e Manuel Castells que consideravam a cidade como uma estrutura, para considerar o espaço humano em seu conjunto como tal¹². Assim Santos adenta o debate sobre as estruturas sociais, caro aos althusserianos.

Um primeiro aspecto ressaltado, embora pouco desenvolvido, é que o espaço “tende a reproduzir-se, uma reprodução ampliada que acentua seus traços já dominantes”¹³. Segundo é que o espaço é uma estrutura subordina-

11 Milton Santos, op. cit., p. 261.

12 *Ibíd*, p. 180.

13 *Ibíd*, p.181.

da-subordinante. E terceiro é que ele está subordinado a uma totalidade, porém possui uma autonomia relativa, “[...] dispõe de uma certa autonomia que se manifesta por meio de leis próprias”.

Como já dissemos, o debate sobre a reprodução ampliada do espaço é pouco desenvolvido e Santos já inicia sua argumentação no segundo aspecto. De pronto, o autor refuta a tese segundo a qual o espaço seria meramente uma estrutura subordinada ao nível econômico, pois a própria reprodução econômica necessitaria de uma base espacial. Por outro lado, citando Marta Harnecker, critica a perspectiva de que seria possível deduzir da estrutura econômica as outras estruturas¹⁴. Nesse ponto, Santos compartilha das críticas althusserianas ao economicismo.

No entanto, a categoria totalidade defendida por Santos, distancia-se da althusseriana. A totalidade-complexa-estruturada com dominante é criticado por Santos, utilizando-se da obra *História e Consciência de Classe* de György Lukács para fundamentar que a “[...] a primazia corresponde à totalidade como estrutura, a qual está acima das suas subestruturas”¹⁵. Ao fazer a defesa da predominância do “todo sobre as partes” e ao mesmo tempo do papel subordinado-surbordinante das subestruturas, inclusive a espacial, Santos não consegue desdobrar tal análise para os modos de produção, as formações sociais e o papel do espaço, ou seja, de como efetivamente o todo subordina as partes.

O autor realiza tal crítica sobretudo para se afastar de uma posição como a de Castells, segundo a qual no entender de Santos - e que não concordamos - onde o espaço é sempre uma estrutura subordinada¹⁶. Nesse sentido, também não é possível afirmar que Santos se vale do conceito de sobredeterminação, pois embora entenda que há uma determinação recíproca, ou seja, o espaço determina e é determinado pelas outras instancias, não admite a possibilidade de contradição principal e secundária, dominância e subordinação. O que, em nossa posição, teria possibilitado um amplo leque de possibilidades, inclusive para as análises concretas de conjuntura.

Para Santos, a principal contribuição althusseriana nesse tema foi o debate sobre a especificidade e autonomia relativa das estruturas, a “estrutura espacial não é passiva, mas ativa, embora sua autonomia seja relativa, como acontece como as demais estruturas”¹⁷. Santos afirma que “Trata-se de encarar o espaço como ele é, uma estrutura social, como as outras estruturas sociais, dotada de uma **autonomia no interior do todo** e participando com as outras de um desenvolvimento independente, combinado e desigual”¹⁸. Ao final desta frase, o autor acrescenta a seguinte nota de rodapé:

Quando Althusser (ver M. Harnecker, 1973, p.151) lamenta que o ‘nível econômico’ não seja uma teoria complementarmente elaborada do fato, o faz, dentre outras razões, por ela não se preocupar com as outras instancias; deve-se enlargar a observação para

14 *Ibíd*, p.183.

15 *Ibíd*, p.184

16 *Ibíd*, p.184

17 *Ibíd*, p.185.

18 *Ibíd*, p. 265.

assinalar que o espaço como *uma instância analítica* é um esquecido do marxismo [...] ¹⁹

Nesse sentido, o espaço não seria mero reflexo das outras estruturas sociais, mas teria um papel “ativo”, determinando as demais estruturas e sendo determinado por elas. De tal forma que:

O papel específico do espaço como estrutura da sociedade vem, entre outras razões, do fato de que as formas geográficas são duráveis e, por isso mesmo, pelas técnicas que elas encarnam e às quais dão corpo, isto é, pela sua própria existência, elas se vestem de uma finalidade que é originalmente ligada, em regra, ao modo de produção precedente ou a um de seus momentos. Assim mesmo, o espaço como forma não tem, de modo algum, um papel fantasmagórico, pois os objetos espaciais são periodicamente revivificados pelo movimento social. ²⁰

Portanto a especificidade do espaço como estrutura, para Santos, é devido às formas espaciais, que podem significar restrições ou constrangimento para o desenvolvimento das outras estruturas – e acrescentamos, as práticas –, assim como elas podem ser resignificadas pelo modo de produção atual, conferindo novas funções à essas formas espaciais, e novas formas serem produzidas. O autor chama essa característica de *inércia dinâmica*, mas posteriormente em outras obras irá conceituá-lo de fixos e fluxos, sistema de objetos e sistemas de ações. Por tal motivo não se pode entender uma fração do espaço, uma cidade ou uma linha férrea, por exemplo, sem levar em consideração as determinações mais gerais. Mas elas são definidas pelos seus efeitos, pelas suas propriedades, em relação aos “outros dados da vida social” ²¹.

O conceito de autonomia relativa das estruturas permitiu Santos desenvolver uma compreensão da especificidade do espaço. Embora, tivesse acordo com a crítica ao economicismo, ou seja, que o espaço era reflexo ou derivação da estrutura econômica, mas uma articulação entre as estruturas, Santos não compartilhava do conceito de totalidade-complexa-estruturada, sobredeterminação e causalidade estrutural, fundamental para à corrente althusseriana.

Segundo Althusser ²², inspirado na obra de Mao Zedong, uma contradição secundária influi na contradição principal de maneira a permitir sua identificação como principal. De tal sorte, que embora uma estrutura seja subordinada ela sempre afeta a estrutura dominante, e ajuda a identificá-la como tal. Essa abordagem, dialogando criticamente com Santos, não nos permite afirmar que o espaço é somente “passivo”, um palco, um receptáculo das demais estruturas, mas ele tem um papel “ativo” e que nos ajuda a determinar a estrutura dominante. Santos, embora se recuse a aceitar a predominância do econômico no modo de produção capitalista, diz:

19 *Ibíd*, p. 265.

20 *Ibíd*, p.186-187.

21 *Ibíd*, p.187.

22 Louis Althusser, *Por Marx*, op. cit.

O espaço, sobretudo em nossos dias, aparece como uma unidade maciça e isso é a base de sua especificidade como mercadoria. Ele surge, então como uma mercadoria dotada de indivisibilidade, pois as infraestruturas, por sua própria natureza, são descontinuas²³

O espaço com uma “mercadoria” ressalta o aspecto dominante do econômico sobre as outras instancias no modo de produção capitalista, o que seria diferente se dissemos que o espaço aparece predominantemente como de “alteridade/dominância” (político), ou como “sagrado” (ideológico), muito embora seja possível afirmar a existência de espaços de “autonomia” e espaços do “sagrado”, eles estão subordinados à “mercadoria”. E aqui encontramos um limite que pretendemos debater mais a frente: não é possível entender o espaço como uma estrutura sem levar em consideração as outras instancias, ou seja, como afirmava Castells²⁴, não é possível construir uma teoria do espaço sem uma teoria social.

O espaço, portanto, é multidimensional, possui uma dimensão econômica, jurídico-político e ideológica e estas estruturas sociais possuem uma dimensão espaço temporal. Logo, dentro de uma perspectiva althusseriana, seria inviável pensar na autonomia relativa do espaço enquanto uma estrutura própria, como afirma Santos, mas analisar a especificidade ou o espaço nas estruturas.

Santos afirma que as estruturas estão sempre em determinação recíproca. Uma outra abordagem possível seria levar em consideração as críticas de Saes²⁵ a respeito da hierarquização das estruturas. Para Saes, deve-se distinguir a análise dos processos sociais, no qual, de um lado, há o funcionamento estável, normal, de um modo de produção, em que impera a reprodução das condições de produção social. Do outro lado, o processo de transição de um modo de produção a outro, onde há rupturas, desestruturação e reestruturação, contradição.

No primeiro, não seria possível inferir a predominância de uma estrutura sobre as demais, uma vez que todas as partes dependem umas das outras para garantir a reprodução. Nesse sentido, o adequado seria utilizar o princípio da implicação recíproca das estruturas e não o da contradição. O autor lembra que isto não significa a inexistência de conflitos, sobretudo redistributivos, - que são absolutamente típicos das sociedades de classes - mas que eles são funcionais à reprodução se não avançam no sentido de colocar o modelo social em perigo.

No segundo, ocorre uma defasagem entre as estruturas, em que há uma transformação antecipada do jurídico-político – a revolução política e a tomada do poder de Estado -, que assim poderia modificar a estrutura econômica. Portanto neste momento, há uma predominância do político sobre o econômico. No entanto isto, segundo Saes baseando-se em Ballibar, seria possível pela emergência de uma contradição na estrutura econômica, entre as forças

23 Milton Santos, op. cit., p.188.

24 Manuel Castells, *A questão urbana*, São Paulo: Paz e Terra, 8.ed., 2021.

25 Décio Saes, “O impacto da teoria althusseriana da história na vida intelectual brasileira”, In: João Quartim Moraes (org.), *História do Marxismo no Brasil*, São Paulo: Unicamp, v.3, ed. 2, 1998.

produtiva e a relações sociais de produção, entre proprietários dos meios de produção e trabalhadores desapossados.

Portanto, quando está em foco à análise da reprodução social, estaria correto afirmar a implicação recíproca do espaço com as demais estruturas. Aliás, este é o tema privilegiado por Santos em sua obra em geral, e em ^{Por uma nova geografia} em particular. Seria necessário aprofundar a discussão sobre o papel do espaço na teoria da mudança social. No entanto, buscando ser coerente as observações de Saes, podemos inferir que o jurídico-político se anteciparia as demais estruturas ou que, ao mesmo tempo, a dimensão espacial do jurídico-político, os arranjos espaciais jurídico-políticos, se antecipariam as demais dimensões espaciais, reestruturando-as.

Reposicionado o problema da hierarquização das estruturas colocados pelos althusserianos, passamos outra questão que consideramos problemática em Santos. O geógrafo acaba por inserir na especificidade do espaço, além das formas espaciais como limitadoras ou garantidoras de um modo de produção, a durabilidade de formas anteriores. Santos acaba por confundir os níveis de análise e o grau de abstração necessário para entender o espaço no nível do modo de produção e no nível da formação social.

O debate do modo de produção, exige do pesquisador um alto nível de abstração, cuja tarefa é identificar o que é específico daquele modo de produção e de suas estruturas, excluindo da análise elementos que considera prejudicial a tal tarefa. Portanto, na análise do espaço no modo de produção capitalista, deve-se ressaltar o que lhe é específico, suas formas, funções, processos, sua interação com as outras estruturas, etc. Santos chega a avançar nesse debate, no livro em questão, nos capítulos finais, o autor debate o espaço como mercadoria, a geografia das classes sociais, a difusão das técnicas, o papel do Estado e do território, dentre outros, ou seja, dos limites espaciais que o próprio modo de produção capitalista enfrenta, pelas formas espaciais que ele mesmo produz.

A questão das formas pretéritas é de absoluta importância. Porém, ela pode ser melhor desenvolvida em um nível de abstração menor, ou seja, quando analisamos as formações sociais concretas, cujos modos de produção anteriores convivem com um modo de produção dominante. Santos leva o debate das formas pretéritas para ajudá-lo a cunhar o conceito de formação socioespacial, que em nossa leitura, é a grande contribuição científica do autor.

O ESPAÇO NA TEORIA DA FORMAÇÃO SOCIAL

O conceito de formação socioespacial comparece em *Por uma Nova Geografia*, contudo, mas é em seu artigo *Espaço e sociedade*²⁶ que o geógrafo desenvolve melhor seus argumentos. Santos dialoga diretamente com a tradição marxista italiana, autores como Emilio Sereni²⁷ e Cesare Luporini²⁸ comparecem, e incorpora elementos do

26 Milton Santos, "Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método", *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n.54, pp. 81-100, jun. 1977.

27 Emilio Sereni, "La categoría de 'formación económico-social'", in: Luporini, Cesare. et. al., *Cuadernos de Pasado y Presente*, México, n.39, 1982, pp. 55-96.

28 Cesare Luporini, "Marx según Marx", in: Luporini, Cesare. et. al., *Cuadernos de Pasado y Presente*, México, n.39, 1982, pp. 97-161.

conceito de formação social da corrente althusseriana, ou seja: a formação social é a combinação de modos de produção com dominante. Sua crítica ao conceito de formação social seria a ausência ou a negligência em relação ao espaço.

Modo de produção e formação social seriam tanto temporalmente como espacialmente determinados. Santos afirmava “Os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada [...] as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção”²⁹. Decorre-se daí a seletividade, a desigualdade espacial e a forma como cada lugar é valorizado pelos modos de produção. O modo de produção dominante buscaria se impor sobre os antigos, e estes, com suas formas espaciais e sociais são determinados pelas formas sociais do modo de produção dominante, impondo limites a própria realização “pura” do modo de produção. Já a formação social se efetiva em um espaço particular: “A história da formação social é aquela da superposição de formas criadas pela sucessão de modos de produção, da sua complexificações sobre seu ‘território espacial’”³⁰

Santos defendia que “A evolução da formação social está condicionada pela organização do espaço”³¹, ou seja, pela forma como o modo de produção dominante irá conferir novas formas e funções aos objetos geográficos, assim como determinar as formas-conteúdo dos objetos ultrapassados, enfrentando os limites dessa organização. Exemplifica “A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social”³².

No esforço de incorporar a contrição althusseriana da teoria de Milton Santos, Costa defende que a formação socioespacial permite dar materialidade ao estudo das estruturas sociais, historicamente localizadas: “a categoria de formação socioespacial permite confrontar a diacronia da estrutura social operante no sentido de sua perene autorreprodução com a consideração dos efeitos potencialmente contraditórios da reprodução ampliada, abrindo margem para a consideração da diacronia”³³

De tal forma que, com o conceito de formação socioespacial, Santos iniciou a elaboração de uma teoria espacial, não descolada da teoria social, mas também um método de análise: no sentido de que o entendimento de uma formação social e de um modo de produção também deveria passar pelo deslindamento da sua formação espacial e vice-versa.

UM OLHAR ALTHUSSERIANO

O esforço de Santos em recolocar o papel do espaço na teoria social não deve ser menosprezado pelos marxistas, como pode ser notado em suas observações sobre o papel do espaço como mercadoria ou da formação socioespacial, dos limites e possibilidades que o espaço impõe um modo de produção dominante.

29 Milton Santos, “Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método”, op. cit., p. 87.

30 *Ibid*, p. 88.

31 *Ibid*, p. 89.

32 *Ibid*, p. 92.

33 B. M. R. A. Costa, “inserção do espaço geográfico de Milton Santos na matriz althusseriana de interpretação da totalidade social: uma estrutura como as outras?”, *Geousp*, v. 27, n. 3, set./dez. 2023, p. 12.

Outro avanço importante, foi de delimitar o espaço como um objeto de estudo da geografia, esforço que também já estava sendo feito por outros geógrafos. Isto permitiu a geografia se desvencilhar das concepções ideológicas que a colocavam como um instrumento (neo)colonial e de exploração capitalista. O espaço geográfico enquanto objeto, coloca a geografia dentro da ciência social mais geral, pois a problemática central passa a ser como esse espaço é socialmente produzido e reproduzido, quais as desigualdades, disparidades, concentrações, fragmentações, etc. Isto significa, dentro de uma perspectiva althusseriana, que a geografia encontra seu objeto, mas a encontra como uma especificação do materialismo histórico, cujo objeto é a História, ou melhor, os modos de produção e as suas formas de transição³⁴. Daí que para os marxistas, as chamadas disciplinas das ciências sociais, tais como a história, a geografia, a ciência política, etc. não seriam mais do que desenvolvimentos, ou especificações da mesma disciplina: o materialismo histórico.

As críticas que Santos realiza à ausência do espaço na teoria marxista são validas e atuais. Poderiam estende-las ao próprio althusserianismo que priorizou o debate temporal, do tempo enquanto uma pluralidade, onde cada estrutura do todo-complexo possui sua própria temporalidade. De maneira geral, os althusserianos utilizam o espaço somente como metáfora. Os termos espaciais aparecem, por exemplo, para designar o “continente” científico descoberto por Marx, como área delimitada entre as estruturas e seus elementos, também chamado de “regiões” dos modos de produção. Ou seja, até o momento o espaço não obteve um tratamento científico e aprofundado pela escola althusseriana. Ao contrário do tempo, o espaço pode ser considerado um esquecido pelo althusserianismo.

Apesar disso, como já dissemos, Santos se equivoca em definir o espaço como uma instancia social ou estrutura com autonomia relativa. Pois a característica que Santos define como característica do espaço, o que ele chamou de *inércia dinâmica*, diferencia-se em relação ao conceito de tempo e não à economia, o político e o ideológico. A posição materialista, segundo Lenin, “é obrigado a reconhecer a realidade objetiva do tempo e do espaço [...] a matéria e o movimento não podem mover-se de outro modo que no espaço e no tempo”³⁵. Quer dizer, deve-se considerar o espaço e o tempo nas diferentes estruturas e instancias sociais, pois elas só existem no espaço e no tempo. Assim como o tempo, o espaço também é uma totalidade.

Por isto a noção de totalidade que Santos importa de Lukács é um obstáculo teórico, pois em última instancia ela reproduz a compreensão hegeliana de totalidade expressiva. Nesta noção, o todo sempre se expressa nas partes e as partes seriam sempre expressão do todo. Ou seja, em qualquer recorte espacial, escala, lugar, seria possível analisar a essência hegeliana, o todo.

Os althusserianos realizam uma crítica a totalidade expressiva de Hegel, que busca encontrar a essência do espírito, que seria esse todo abstrato e fantasmagórico, em todas as partes. A contraposição à Hegel, vem da compreensão da totali-

34 Louis Althusser, “Teoria, prática teórica e formação teórica. Ideologia e luta ideológica”, p. 31, in: Althusser, Louis, y Balibar, Étienne. Thiago Barison (org.), Teoria marxista e análise concreta, São Paulo: Expressão Popular, 2017, pp. 27-82.

35 V. I. Lenin, *Materialismo y empiriocriticismo*, Ediciones en Lenguas Extranjeras, pp. 219-221, tradução nossa.

dade complexa-estruturada que Marx aponta na Introdução de 57, das relações de defasagens entre as partes, de sobredeterminação, de autonomia relativa e determinação em última instância.

Em uma leitura althusseriana, o espaço, enquanto totalidade, seria um todo-complexo-estruturado. Os modos de produção possuem temporalidades e espacialidades. Tal como o tempo, o espaço no modo de produção é plural, ou melhor, multidimensional, mas aqui estamos falando, em consonância com Ruy Moreira³⁶, em que o espaço é uma totalidade complexa de arranjos espaciais superestruturais, o jurídico-político e ideológico e infraestruturas, o econômico. O espaço não seria expressão da estrutura social, mas a própria estrutura social espacializada. O espaço econômico, ou melhor, o arranjo espacial econômico tem sua própria autonomia relativa em relação aos arranjos espaciais jurídico-político e ideológicos. É possível analisar os arranjos espaciais em sua especificidade, mas sempre em sua relação de dependência e articulação com os demais arranjos. Além disso, é preciso identificar as relações hierárquicas e os índices de eficácia dos arranjos espaciais, nos diferentes modos de produção. De tal forma, por exemplo, que é o arranjo espacial econômico que é dominante no modo de produção capitalista.

Para Santos, todas as estruturas, inclusive a espacial, estão em determinação recíproca, subordinadas-subordinantes, em que não há dominância de uma sobre as demais, como informa o marxismo-leninismo. Isto é outro efeito do hegelianismo de Lukács da *História e consciência de classes* no autor. Se Santos buscava ressaltar o papel ativo do espaço, para tira-lo da subordinação ou apagamento, ele o faz entendendo o espaço como uma estrutura apartada das demais. No entanto, em nossa perspectiva, se é o econômico a estrutura dominante, estamos falando também do arranjo espacial econômico como dominante, ou seja, o espaço continua tendo um papel “ativo”, a despeito do seu esquecimento pela teoria social. Contraditoriamente, Santos, como já dissemos alhures, é obrigado a reconhecer o papel da mercadoria, das multinacionais e do capitalismo como os principais vetores de produção do espaço na contemporaneidade.

Uma outra forma de resolver esta questão seria utilizar as distinções entre, de um lado, a totalidade social e estrutura e, do outro, instância e nível que o autor althusseriano Décio Saes³⁷ realiza para tentar sanar as confusões que tais conceitos podem gerar. Para o autor, a totalidade social é composta por três estruturas, a econômica, a política e a ideológica. Já as instâncias e níveis sociais seriam o teórico, o artístico, o técnico, etc.

[...] se cada estrutura [...] corresponde efetivamente a um nível ou instância específicos da vida social total, o inverso não ocorre. Ou seja: nem todo nível ou instância da vida social se constitui numa estrutura integrante da “totalidade social”³⁸

36 Ruy Moreira, “A geografia serve para desvendar máscaras sociais”, in: Moreira, Ruy, *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*, São Paulo: Contexto, 2008, pp. 61-80.

37 Décio Saes, “O impacto da teoria althusseriana da história na vida intelectual brasileira”, op. cit., p. 27.

38 *Ibíd.*

Os níveis sociais, nos dizeres do autor, são planos fundamentais da vida social que dependem da articulação das estruturas sociais. Elas “Não são, [...] elementos determinantes no funcionamento das sociedades humanas; e sim, ao contrário, elementos determinados por esse funcionamento”³⁹. Nesse sentido, o espaço, portanto, seria um nível social ou uma estrutura? Para Santos esta distinção não existe, estrutura e instancia seria o mesmo que estrutura, enquanto parte da totalidade social. De fato, não poderíamos explicar a produção teórica ou da arte sem o espaço em que ela se dá. Por outro lado, não conseguimos compreender o espaço sem recorrer às estruturas econômicas, políticas e ideológicas sem cair no empirismo e no idealismo, logo o espaço não seria uma estrutura particular nem um nível social específico. Agora, recorrendo a citação alhures de Lenin, não conseguimos explicar a matéria fora do espaço e do tempo, de tal forma que não é possível entender as estruturas e os níveis sociais sem espaço e tempo. Logo, as estruturas e os níveis sociais são espaciais e temporais. O espaço é uma totalidade complexa-estruturada.

Por fim, em todo o livro *Por uma Geografia Nova* em outras obras, Santos se vale do humanismo teórico para fundamentar sua crítica, assim como perspectivas de mudança socioespacial, este é outro obstáculo a ser superado. Traçaremos em linhas breves uma crítica althusseriana à tal concepção. Em Althusser⁴⁰, o humanismo teórico é lido como uma ideologia burguesa na filosofia, centrada em uma leitura antropológica onde o ser humano genérico encontra-se centro da totalidade social. Essa ideologia se expressa, por exemplo, na obra de Ludwig Feuerbach, que teve uma forte influência no jovem Marx até o seu rompimento teórico com o autor. O ser humano genérico, alienado por fatores políticos – Estado – ou econômicos – como aparece nos manuscritos econômico-filosófico 1844 – perde sua essência, que é o trabalho no Jovem Marx. A exploração econômica ou a dominação política seriam, portanto, a negação da condição essencial do ser humano, que não se reconhece no fruto do seu trabalho, agora estranhado. A luta deveria se redirecionar para a recuperação da condição humana e resgatar sua essência perdida, uma luta pela emancipação humana.

Este apelo ao ser humano em geral é superado por Marx quando rompe com a ideologia burguesa e o humanismo teórico das obras de juventude⁴¹. Essa mudança na problemática teórica leva-o a considerar não mais o ser humano genérico, mas os modos de produção e suas formas de transição, não mais a alienação, mas a mais-valia, não mais a emancipação, mas a luta de classes, a revolução, ditadura do proletariado, etc. De tal forma que o efeito ideológico do humanismo teórico é combatido por Marx em suas obras de maturidade, uma vez que ao clamar pela emancipação humana, confundia e desarmava o proletariado e demais classes oprimidas, na sua luta contra seus inimigos de classe, a burguesia e classes opressoras.

39 *Ibíd*, p. 28.

40 Louis Althusser, *Por Marx*, op. cit.

41 Danilo Enrico Martuscelli, “O anti-humanismo teórico na obra de Louis Althusser: problemas de teoria e efeitos políticos”, in: Pinheiro, Jair (org.). *Ler Althusser*, Marília: Oficina universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, pp. 231-234.

Como ressalta Martuscelli⁴² a problemática teórica pode produzir efeitos teóricos e políticos distintos. Na obra supracitada, Santos não consegue superar o humanismo teórico, isto fica evidência na conclusão do livro, intitulada “A geografia e o futuro do Homem”.

Desmistificar o homem e o espaço é arrancar da natureza os símbolos que escondem sua verdade [...] é revalorizar o trabalho e revalorizar o próprio homem para que ele não seja mais tratado como valor de troca. **Temos, diante de nós, um problema de conhecimento e um problema moral.** [...] Nas condições atuais do mundo, ainda mais que na era precedente, o espaço está chamado a desempenhar um papel na escravidão ou na libertação do homem [...] Os geógrafos, ao lado de outros cientistas sociais, devem se preparar para colocar os fundamentos de um **espaço verdadeiramente humano**, um espaço que uma os homens por e para seu trabalho⁴³.

No trecho acima, Santos está dentro da problemática humanista. Tal como a alienação, o espaço aparece como mistificador e alienado do ser humano, portanto seria necessário seu entendimento para revelar a verdade e assim colocar os elementos para propiciar a desalienação do homem. É por isto que para Santos seria principalmente um problema de conhecimento e de moral humanas e não um problema de luta social e poder político. Certamente as classes dominantes não se compadeceriam com a simples revelação da sua própria exploração e por outro lado levado aos explorados a lutar pelo ser humano em geral, independente das classes. Ou seja, ao fim e ao cabo, a concepção humanista em Santos leva a efeitos políticos e ideológicos burgueses.

Seria necessário repensar esta problemática colocando no centro do debate a luta de classes, os modos de produção e o poder político, ou seja, a função do espaço na dominação e exploração das classes trabalhadoras, mas também seu papel na transição social, na ditadura do proletariado, na construção do socialismo e na dissolução de toda exploração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que Milton Santos se valeu dos conceitos de autonomia relativa das estruturas, implicação recíproca ou articulação e de formação social em um diálogo crítico com Althusser e seus discípulos. Por outro lado, não conseguimos afirmar que Santos foi um althusseriano. Para repensar a geografia, o autor não realiza um corte epistemológico - apesar de ter iniciado o rompimento - pois é o humanismo teórico que predomina em sua obra.

Para o geógrafo brasileiro as estruturas não possuiriam dominância, como informa Althusser, pois seriam sempre subordinadas-subordinantes. A totalidade

42 *Ibíd.*

43 Milton Santos, *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Nova*, op. cit., pp. 265-267. Destaque nosso.

social não seria complexa-estruturada, como afirma os althusserianos, mas uma totalidade simples, cujo todo, enquanto essência, está sempre nas partes e vice-versa. Deste modo foi possível averiguar que Santos, apesar de seus avanços, não conseguiu se desvencilhar do humanismo teórico, afirmando, ao final da sua obra, a necessidade de construir um espaço para o homem em geral, o que poderia produzir efeitos político e ideológicos burgueses. Logo, é o humanismo teórico, o Homem que domina sua problemática teórica e não a História, como seria aos althusserianos.

O autor articula a teoria da formação social de Lenin, Sereni, Luporini, Althusser, Poulantzas e Marta Harnecker olhando para a dimensão espacial. Por exemplo, os modos de produção com dominante, ou seja, a formação social, se materializa no espaço, em uma base material e nesse sentido o modo de produção dominante encontrara limites e possibilidades, precisará resinificar as funções dos objetos espaciais de modos de produção dominados e pretéritos. Portanto, o conceito de formação socioespacial formulado por Santos é um dos seus principais descobrimentos científicos.

Criticamos os althusserianos por negligencia ou secundarizar o espaço. Além de uma metáfora, seria necessário avançar na pesquisa científica e teórica a partir do materialismo histórico, considerando o espaço e sua relação com as estruturas e práticas. Nesse sentido, a contribuição da obra de Milton Santos continua fundamental, para avançar nas análises materialistas e estruturais do marxismo.